



[Clique aqui](#) para ouvir o episódio.

Convidado: Ricardo Capler

Fabrício

Olá você, seja muito bem-vindo a mais um episódio do célula.in podcast, meu nome é Fabrício Tavares e hoje a gente vai falar sobre informatização da igreja.

Faz sentido falar sobre a informatização nos dias de hoje? Quais são os principais problemas enfrentados quando a igreja decide que é hora de mudar, de organizar digitalmente as informações?

Para conversar sobre esse assunto com a gente hoje está o Pastor Ricardo Capler que está à frente da Igreja Batista Betesda de Piracicaba. Obrigada por aceitar o convite Pastor, tudo bem contigo?

Ricardo

Tudo bom pessoal, tudo bem Fabrício, Alex, vocês que estão acompanhando aqui o podcast, é uma alegria poder estar com vocês e poder falar sobre esse assunto.

Fabrício

Junto comigo também está o seu co-host de sempre, Alexander Reis. E aí Alex, tudo bem?

Alexander

E aí, beleza pessoal?

Fabrício

Ótimo. Antes de a gente começar esse assunto gente eu quero dizer que soa estranho um pouco usar o termo informatização hoje em dia, né, eu acho que eu não erro se eu falar que em qualquer igreja existem computadores ou no mínimo o smarthphone do pastor ali sendo usado para os mais diversos fins, né.

O que eu quero dizer de informação aqui é o uso consciente ou não de softwares e processos que visão ali auxiliar nas mais diversas áreas da igreja, né, não estou falando aqui a igreja agora tem um computador, né, eu estou sendo um pouco mais específico, a gente está falando de uma coisa um pouco mais moderna digamos assim.

E aí, pra começar esse assunto então, eu queria que você, Pastor contasse um pouquinho da experiência que vocês tiveram com essa mudança né, de enxergar a necessidade de “pô, agora a gente precisa ter a informação um pouquinho mais organizada e a gente precisa correr atrás de alguma solução”. Como é que foi esse processo, esse início de processo, o que que motivou a essa busca por informatização?

Ricardo

Olha Fabrício, na verdade eu vejo que para uma igreja que esta em expansão, e a gente têm falado muito isso em todo canto que a gente vai, que uma cidade em expansão, é o caso de Piracicaba e de uma grande parte de cidades do Brasil, não comporta e não é o propósito de Deus ter uma igreja em manutenção e isso vai impactar a igreja e ela vai precisar acompanhar. Igual você abriu aí explicando para as pessoas que estão ouvindo “olha o que é informatizar”, tem muito preconceito por parte da igreja, por parte de pastores, achar que informatizar, organizar a igreja, é perder um pouco da espiritualidade.

Eu vou tentar resumir aqui como é que foi com a Betesda, a gente iniciou o trabalho alguns anos atrás com uma visão de excelência só que com pouco recurso, pouco acesso, mas conforme o crescimento foi chegando, nós fomos observando aqui, a questão da estrutura não só celular, de que o nosso amadorismo, eu vou usar essa palavra aqui, e a falta de conhecimento estava impactando no crescimento da igreja em muitas áreas, nas informações que não chegavam no rebanho porque a gente não tinha um programa adequado para ter algumas informações, na questão das células que ainda era na época o papel, aquele relatório de papel que eu sei que tem muitas igrejas que ainda fazem isso, e aí nós começamos gradativamente a melhorar isso.

Alexander

Esse na época foi a quanto tempo atrás, Pastor?

Ricardo

Uns 5 anos atrás. E aí, a 4 anos atrás a gente tomou uma decisão né, a igreja cresceu, estava mais organizada, pagamos um programa, um alto recurso aí, a igreja tomou uma decisão que seria um programa que a gente contratou uma empresa para fazer membresia, finanças e célula. Foi um valor até alto, um desafio que a gente falou “não, é importante, nós precisamos investir nessa área”/

Fabrício

/Era um programa de prateleira, era algo já pronto ou a ideia era construir um software para vocês. Contrataram uma empresa de desenvolvimento de software para construir algo para vocês?

Ricardo

Foi algo específico, é uma empresa que faz até para outras, não é aquela plataforma já padrão, só que qual foi a dificuldade, primeiro quando nós pensamos em fazer algo sobre célula a visão ela vai mudando, ela vai aumentando, então na nossa cabeça a gente achava que o programa era “olha, eu acho que é isso e isso é o que nós precisamos” mas o crescimento foi vindo e aí quando a gente chegou lá na frente a gente se deparou com a realidade que ele já estava obsoleto depois de 6 meses de uso.

Fabrício

Na verdade, antes de vocês contratarem essa empresa para desenvolver vocês chegaram a pesquisar no mercado se existia alguma solução pronta que atendesse as necessidades e as demandas que vocês tinham ou não, a ideia inicial já foi “pô, vamos construir alguma coisa aqui específico pra gente”.

Ricardo

Foi um pouco dos dois, na verdade não tinha na época, vou falar aqui, um programa como o célula.in, a gente conhecia alguns do ministério igreja em células que na verdade nós chegamos até usar antes do crescimento das células, né, usamos um pouco mas chegou num ponto que tinha algumas questões de especificação de crescimento de coordenadores, supervisores que não comportava, não dava mais pra gente, e alguns outros que a gente olhou que era uma plataforma feita para todas as igrejas e pra nós, pro momento que a gente estava vivendo assim, na questão das células, não satisfazia.

Aí a gente falou “vamos fazer um programa, contratar alguém que faça”, só que não foi legal a experiência talvez por essa pessoa não entender de, sei lá, se seria de células, na verdade nem usamos a questão do programa de célula como nós gostaríamos de utilizar.

Fabrício

Entendi. É, pelo menos, assim, acho que num cenário de todas as igrejas do Brasil, a gente pode dizer que o seu caso nem é o pior. Tem igrejas que acreditam que o ideal é trazer alguém para dentro e construir o próprio software com a equipe interna e tudo mais, e isso é muito estranho, na verdade, porque a gente percebe que primeiro software é uma coisa que não gasta, o custo para fazer um software é o mesmo independente se vai ser usado por uma pessoa ou por 100 pessoas ou por 1 milhão de pessoas, ou se vai ser usado uma vez, duas vezes ou milhão de vezes.

O custo de criação daquele software é o mesmo e invariavelmente o orçamento que uma igreja vai ter para poder construir esse software dela vai ser proporcionalmente menor do que uma empresa que já constrói aquilo e vende essa solução para outras igrejas. Então no caso de vocês, pelo menos vocês procuraram uma empresa que já estava trabalhando com essa ideia de desenvolvimento de software.

Ricardo

Na verdade né, Fabrício, o que que eu avalio disso tudo assim, a gente não tinha ninguém até mesmo na igreja, não que eu faria alguém fazer o programa, a gente não entendia do que se tratava, né, não tinha ninguém para dar um auxílio, dar uma orientação, a empresa lá é super profissional mas não entendia nada de célula, tinha que partir de mim, da minha cabeça, a visão que até o momento era X, tentar um feedback, o cara tentar interpretar, teoricamente era muito interessante mas na prática, que é muito dinâmica de uma igreja seja ela em células ou não, não funcionou.

Alexander

Vocês começaram em células em que ano, Pastor?

Ricardo

Na verdade é uma longa história, Alex. Com célula mesmo desde quando eu plantei a Betesda eu tinha a ideia de ser uma igreja nesse formato comunitário multiplicada em pequenos rebanhos, mas, na verdade, a virada da igreja foi quando a gente realmente conheceu o DNA, né, porque a gente não tinha muita referência na época, referências próximas da gente para nos ensinar.

Então, a igreja tinha grupos, mas não tinha organização, não tinha estrutura de supervisão, então a gente costuma dizer aí que quando a Betesda entendeu mesmo, transicionou, foi de 2011 para 2012.

Alexander

Legal, e vocês começaram com quantos grupos aí em 2011-2012?

Ricardo

A gente já tinha um bom número, por volta de 28-30 grupos na época. A ideia já era do rebanho, nós sabíamos o que queríamos ser, a dificuldade era na estrutura e o DNA nos ajudou com isso, a estruturar essa questão da supervisão, da escola de líderes né, o trilho ficou claro como a gente diz.

Alexander

Entendi, perfeito, ok.

Fabrício

Voltando um pouco nessas três áreas que você falou que o sistema tentou atuar, né, na parte administrativa, na parte financeira, na parte de células e que na parte administrativa e na parte financeira até funcionou e funciona, mas na parte de célula não, é interessante, né, porque a parte administrativa e a parte financeira de uma igreja apesar de ter as suas particularidades não difere tanto assim de uma pequena empresa ou de uma média empresa, né, já existem empresas no mercado com soluções administrativas e financeiras que vai atender facilmente ali uma igreja, apesar de ter uma ou outra questão própria não é algo tão distante.

Mas na hora que você entra na parte de gestão de célula, por exemplo, é algo especialmente da igreja, é mais do que especialmente da igreja, é especialmente das igrejas em células, então é meio que um segmento, um subconjunto ali, de todas as igrejas.

E aí, a gente bate num outro problema que é a gente tem uma necessidade de fato de estruturação, e é o que você acabou de falar, de ter percebido uma falta de estruturação do próprio modelo celular, da própria estrutura de células, e em seguida a gente tem a necessidade de trabalhar essa informação de forma mais eficiente, é possível para na verdade auxiliar o crescimento da igreja.

Ricardo

Eu costumo pensar o seguinte, falando dessa questão que você falou de informatizar a igreja, uma grande parte das igrejas não tem nem condições financeiras de contratar uma empresa, mesmo que, vamos dizer, olha deu certo a minha experiência, a minha experiência não deu, a maioria das igrejas que eu tenho tido contato com o coordenador do DNA aqui no estado de São Paulo, eles não tem condições de pagar alguém, pagar um programa.

Aí eles ficam sem essa informatização e isso limita o crescimento da igreja, então parece paradoxal, é uma igreja que precisa se informatizar para acompanhar o crescimento, mas não tem dinheiro pra tal, não tem acesso, isso é o caso das pequenas igrejas, e tem um outro lado, que é o que eu tenho falado para pastores sobre essa questão, é claro que a gente vai cometer muitos erros e é o meu caso aqui, de que a visão depende qual é a sua visão, a visão é de longo alcance.

Se você constrói um programa igual foi o nosso caso aqui, eu não tinha ideia de onde é que nós iríamos chegar nem tenho ainda hoje o que é que Deus tem pra gente, eu tenho sonhado com grandes coisas, mas na prática isso as vezes é muito rápido, pega a gente e nos engole né, e aí eu vejo muita gente perder dinheiro e ficar amarrado nessa questão.

Fabrício

Sim, não essa questão do custo é algo importantíssimo, na verdade a gente tem visto nos últimos anos o surgimento de algumas opções no formato que a gente chama de SAAS, que na tradução livre seria Software Como Serviço, em que a empresa ali ou a igreja paga um valor que eu diria até simbólico, um valor muito baixo por mês, para poder utilizar aquele serviço, isso faz com que ela não precise ter um investimento altíssimo no início para poder comprar esse software ou para poder desenvolver internamente esse software e possa usufruir de todo o benefício do uso do software em si, mas é algo recente, é algo que tem surgido opções eu diria nos últimos 3 ou 4 anos no máximo assim.

Ricardo

É verdade

Fabrício

É algo que as igrejas talvez nem saibam que existe essa alternativa, saibam que existe essa opção de “Ah não pô, eu não tenho dinheiro para poder construir então eu vou ficar sem, eu vou ficar aqui no papel porque não dá para fazer”.

Ricardo

Aí tem outro lado né, Fabrício, que também pastores que estão ouvindo esse podcast aqui, às vezes têm muitos pastores que eu tenho convivido que acham que não é necessário, não é importante essa informatização e ela é muito importante e quanto antes uma igreja começar a se organizar melhor é para o crescimento dela em todas as áreas como organismo e como organização.

Fabrício

Perfeito

Alexander

Ricardo, porque que você acha que o quanto antes começar a controlar, a ter informações mais precisas sobre a realidade das células, é melhor para a igreja?

Ricardo

Bom, vamos lá, eu acredito por alguns fatores aqui, primeiro você vai criando uma cultura porque não é cultura das igrejas, dos nossos líderes, essa questão da organização, é uma dificuldade que muitas igrejas em célula tem, eu tenho conversado seja igreja menores que a Betesda e até maiores que é “Poxa o líder não entrega o relatório, o líder tem dificuldade de me dar as informações” porque ele não tem o entendimento do quanto isso impacta na visão de cima né, do pastor, do desenvolvimento de estratégias né, de pra onde a igreja está indo e o que precisa corrigir, então quanto antes no meu ponto de vista, não importa a quantidade de células que uma igreja tenha, já começar a criar cultura nos novos líderes e na igreja mais fácil vai ser quando essas células e essa igreja começar a crescer, informatizar e mexer com essas ferramentas, né.

Alexander

Quando vocês decidiram avançar para um processo de organizar digitalmente essas informações e tudo, como foi transmitir isso para os líderes?

Brasileiro já não tem mesmo essa cultura de prestação de contas, não gosta disso, de relatório, de nada disso, a liderança de célula por mais que a gente enxergue como um ministério, ela está numa interseção aí entre um ministério e voluntariado e trabalhar com voluntariado não é tão legal, como que foi a recepção dos líderes, qual a estratégia que você usou para mostrar que isso é importante, me conta um pouquinho desse pedaço da história.

Ricardo

O que que eu vou falar para você, Fabrício, que esse é um trabalho e talvez você que estão ouvindo achar que “Ah agora eu vou informatizar e acabou os meus problemas” que não, ele é cíclico. Eu estava no nosso último GD e chegamos à conclusão que falar sobre a importância é algo que sempre nós vamos ter que falar, por quê? Porque novos líderes vão surgindo, novos líderes que não tinham essa tarefa na mão vão se envolvendo com essa questão de “antes eu cuidava de gente e agora eu tenho que pensar nesse lado mais administrativo”, mas quando no primeiro momento a gente já tinha a questão do relatório primeiro lá de papel, fizemos o teste, tínhamos aquele teste que eu falei daqueles programas até que era chamado (Beep) que não funcionou por causa do nosso crescimento, mas quando nós apresentamos foi bem recebido pelos líderes.

Agora qual é a palavra na teoria e na prática, na teoria se você fizer uma pesquisa com meus líderes todo mundo vai falar “não, sabemos que é importante”, mas tem todo um trabalho de bastidores que é sempre falar “Olha, você precisa fazer, é algo que não é só pra inglês ver, é algo que se tiver redondo se a gente explorar a ferramenta do programa vai ajudar, talvez, matar alguns problemas que as células têm, enxergar, maximizar o tempo” porque o líder o objetivo é ele visitar o supervisor, por exemplo, visitar a célula, o programa é uma ferramenta nas mãos dele

porque ele não pode estar em todos os lugares, de estar a par, avaliar. Foi mais ou menos isso a nossa experiência aqui.

Fabício

Dessa parte, quanto você acha dessa questão de manter a cultura, sempre tem novos líderes sendo formados então é sempre importante comunicar a necessidade de uma informação para tomada de decisões de níveis a cima e tudo mais, quanto disso você acredita que é papel do pastor, dos coordenadores, dos supervisores, e quanto disso você acha que poderia ser, eu vou chamar assim, de terceirizado para o software?

Quanto o software poderia auxiliar na consolidação dessa cultura e talvez, eu diria em alguns casos, até mesmo na formação dessa cultura numa igreja que talvez o pastor saiba que é importante, mas aqueles que estão sendo liderados ali naquele momento ainda não sabem, como que você faz essa divisão?

Ricardo

Não é uma divisão fácil, mas eu acredito que primeiro é o pastor porque se o pastor não entender a importância mesmo disso, não estou nem falando “Olha pastor como funciona na Betesda 100%”, a gente sempre vai ter que melhorar porque as células vão multiplicar né, como eu falei, mas eu acredito que primeiro, não sei se eu vou dividir numa fatia de um bolo aqui, o pastor titular tem que estar convencido do investimento, da importância e aí vem no contraponto, nessa questão da cadeia de coordenadores, supervisores...

Eu acredito que supervisores principalmente eles são o motorzinho, é o elo de ligação para motivar os líderes a entender a importância, de que o relatório dele é importante não só para o GD mas para a coordenação, para a rede, para o pastor, eu acho que é algo compartilhado e a parte do programa, eu vejo que vocês têm feito isso muito bem que é realmente perguntar, estar aberto como:

“Olha, o que pode-se melhorar, quais são as necessidades”, e aí tem sido uma coisa muito legal para aqueles que estão usando bem o programa porque vocês estão ouvindo, e eu acho que as empresas deveriam ouvir, o cliente né, quem é que está passando pelas necessidades, as lutas, sei lá, as dificuldades aí do programa para fazer com que ele seja realmente prático para a igreja local.

Alexander

Interessante

Fabício

Sem dúvidas. Voltando num ponto que você tinha falado com relação a não funcionalidade da parte de célula, lembro que vocês contrataram do que vocês estavam desenvolvendo lá atrás, você tocou no ponto da mudança né, às vezes a visão vai mudando aí vem o crescimento, enfim, não é estático aquilo ali, as demandas de funcionalidades, os requisitos que você tem e que a igreja tem não são estáticos e tem todo o tempo de desenvolvimento daquilo e as coisas vão mudando e tal/

Ricardo

/E foi o que aconteceu conosco, na verdade pelo o que eu projetei serviria, mas como, você acabou de falar, é algo que não é estático quando a gente se deparou com essa mudança o programa era muito lento, não respondia ao crescimento real da igreja e a gente chegou à conclusão: não funcionou mesmo, nessa questão da célula, para nós.

Alexander

Quais foram os pontos específicos que você sentiu que o sistema precisava ser o mais dinâmico possível, Ricardo?

Ricardo

Eu acho que primeiro essa questão on-line, era possível fazer, mas era algo que a empresa talvez não tinha experiência, era uma empresa muito grande faz software para grandes empresas até do Brasil, mas não tinha o expertise nessa questão da visão das células, nessa questão mais eclesialística, então eles projetaram uma negócio muito amarrado, muito burocrático né, então tinha coisa de relatório que era difícil de linkar... eu não entendendo algo específico que era linkar ao banco de dados, era um negócio muito complexo que a gente chegou a conclusão que... e eles queriam refazer, mas só o tempo para refazer estaria perdendo muito mas muito tempo nosso, da liderança, das informações que a gente precisava.

Alexander

Entendi

Fabrcio

É, eu, é claro que eu vou ter um viés na minha fala justamente pelo próprio célula.in, mas eu consigo enxergar dois caminhos possíveis apenas para uma igreja trabalhar com essa questão da informatização sem se estrear ou sem ter um desperdício de dinheiro e de tempo, de vontade de fato dos líderes ali de usar a solução, primeiro delas, é claro, procurar uma empresa que trabalhe exclusivamente com isso mesmo que seja uma solução customizada mas que ela tenha uma parte grande já de prateleira para poder falar assim:

“Não, olha, a gente já tem isso aqui, pode fazer uma ou outra aqui pra vocês mas a gente já tem isso aqui”, mesmo nesse cenário eu ainda tenho alguns pontos que eu acho que talvez não sejam os ideais, eu vou tocar neles.

E o segundo, que meu viés se torna claro, que é esse formato de software como serviço em que você tem um conjunto grande de clientes, ou seja, de igrejas utilizando, fazendo com que as demandas e as necessidades sejam entendidas mais rapidamente e o software possa evoluir mais rapidamente.

Então, você percebe que um SAAS, independente do software que seja, mas nesse formato como o SAAS, que você usar hoje ele vai ser diferente daqui 1 semestre, ele vai ser totalmente diferente daqui 1 ano e daqui 2 anos e daqui 3 anos, ele vai nas empresas que levam ele pra frente né, que estão preocupadas com ouvir o cliente, ouvir as necessidades e ouvir as demandas, e tenham uma boa visão de onde elas estão caminhando, elas vão invariavelmente caminhar junto com os clientes e vão começar a atender aquelas necessidades ali que são compartilhadas.

E aí, porque que eu acho que essa primeira solução que eu falei que ela ainda pode funcionar, mas ela talvez não seja o ideal, porque a gente tem percebido, trabalhando no célula.in com a quantidade de igrejas que a gente tem utilizando, é que do ponto de vista de informatização, do ponto de vista de organização das informações, as igrejas são muito mais parecidas do que elas mesmas acham que são.

Então, é claro, cada igreja tem a sua cultura, tem a sua forma, tem os seus termos próprios né, então a gente vê o próprio termo célula, tem igreja que usa pequeno grupo, grupo de comunhão, grupo de crescimento, apenas grupo, você tem termos diferentes, você tem formas de falar diferentes, então tem igreja que vai falar supervisão, tem igreja que vai usar coordenação, tem igreja que vai usar rede...

Ricardo

Discipuladores, sei lá...

Fabrício

Discipuladores, exatamente, os termos vão mudar, as formas ali vão mudar, mas a estrutura básica que a igreja precisa ela é compartilhada, então assim a gente percebe que ter uma solução que é compartilhada no uso pela maior quantidade possível de igrejas é a melhor solução para igreja porque ela permite que a igreja por valores infinitamente menores do que ela teria que desembolsar se fosse algo próprio dela, ela vai desembolsar muito mas muito menos e ela vai ter uma atualização muito mais constante, o software vai evoluir juntamente com a evolução da igreja.

Ricardo

E porque eu vejo que a questão da visão ela é muito particular e eu costumo dizer que cada igreja tem uma impressão digital e aí eu estou falando o organismo igreja, mas a organização, igual você falou, por mais que tenha termos diferentes, funcionários, tem igreja que tem departamento de compras outra que não tem nenhuma secretária, a parte organizacional é uma questão de cultura, mas é muito semelhante mesmo, é muito semelhante a questão administrativa, né.

Fabrício

Exato, então essa questão de cultura que cada uma tem a sua, essa questão de identidade que cada igreja tem a sua, a gente acredita que ela é importante, ela é fundamental na verdade, mas ela é expressada de outras formas.

Ela expressada talvez num site, ela é expressada na parte gráfica, na identidade visual, né, que a igreja tem, ela é expressada na forma que a igreja se comunica, no linguajar que ela usa para se expressar, enfim em uma série de meios aí que ela vai se expressar como igreja uma única:

“Não a igreja Batista Betesda de Piracicaba na verdade é a Igreja Batista Betesda de Piracicaba porque tem isso tem isso, quem está a frente é o Ricardo e tudo mais”, mas do ponto de vista estrutural dessas informações a gente percebe que elas são muito mais parecidas do que talvez possa parecer a principio, né.

Ricardo

É, porque às vezes uma igreja menor ele acha que ele não tem essa necessidade porque vai olhar para uma igreja como a Central ou até mesmo a Betesda que tem um bom número de células e ele acha que é muito distante, na verdade não é.

Quanto antes uma pequena igreja começar a se organizar ela vai evitar uma série de erros que, por exemplo, eu cometi como Pastor e a Igreja Batista Betesda cometeu e não é só espiritualizar, né, são erros administrativos que impediram o crescimento em várias áreas porque a gente não tinha os dados né, a gente não conseguiu antevê.

Fabrício

Perfeito.

Alexander

Você consegue ou tem a liberdade de expor algum desses erros, Pastor, que você acha que com a informatização e tudo trazendo essas informações do meio digital poderiam ter sido evitados?

Ricardo

Olha, eu vou pensar em algumas coisas aqui lá de trás, por exemplo, o sistema quando ele é claro se, agora é claro, se as informações estiverem lá que é um detalhe muito importante se não tiverem não tem como (risos), o coordenador, o supervisor, mesmo que ele não esteja naquela célula que claro que é o ideal.

Ele consegue observar os casos de saúde que é a frequência da célula, os líderes em treinamento, a frequência da reunião, que é algo rápido, vamos dizer on-line ele consegue ver isso, as vezes de GD em GD algumas informações não batem né, “olha como é que está lá, olha não consegui ir até essa célula, eu vou daqui uma semana”, o programa, lógico que é uma coisa muito, eu não estou falando que o programa substitui a parte do líder né vida na vida, mas ele ajuda a gente a antevê uma série de coisas, de informações que não sabiam, “poxa , eu não tinha verificado isso na minha visita a célula e o líder não me falou”, e o programa ele é muito objetivo né, tem visitantes está lá, não tem como enganar ou omitir, e isso era algumas coisas que nós não tínhamos esses dados então demorava demais da informação chegar na parte de cima, aí quando via passava um tempo, um líder tinha desanimado.

Hoje isso acontece, mas é como eu falo para os líderes, a gente tem uma boa ferramenta na mão para antecipar algumas coisas das células.

Fabrício

Pastor, caminhando aqui para o nosso encerramento, se você pudesse dar uma dica, principalmente para essas igrejas menores que talvez estejam aí atrás de alguma solução, que estejam na dúvida se precisam ou não se informatizar, o que que você deixaria para essas pessoas, para esse pastores aí ?

Ricardo

Olha, a dica para você que está nos ouvindo aqui, Pastor de uma igreja menor, é entender que você, se não você nem estaria ouvindo esse podcast, a sua igreja vai crescer então você precisa se preparar para esse crescimento antes.

Então quanto antes você informatizar, organizar a tua igreja, a tua área administrativa, pensar nessas questões, não como algo que um mal necessário mas como uma parte importante da igreja mais leve vai ser esse o processo de crescimento aí entre organismo e organização.

Essa junção, saber que informatizar o seu processo é muito muito importante, você não pode deixar para amanhã quando tiver uma secretaria ou um administrador, isso tem que ser pra ontem.

Fabício

Perfeito, estive com a gente aqui então o pastor Ricardo Capler da Igreja Batista Betesda de Piracicaba. Pastor, muito obrigado pela sua disposição, a sua disponibilidade de conversar com a gente, de compartilhar essa experiência com o pessoal.

Ricardo

O privilégio foi meu, gente, foi muito legal e eu espero que abençoe tanta gente que está aí batendo cabeça a não cometer os erros que eu cometi lá atrás, né, e acho que esse é o objetivo do podcast.

Fabício

Exato, perfeito.

Alexander

Verdade

Fabício

Um abraço e até o próximo episódio.